



Álvaro TIÇÃO; Fernando M. Peixoto LOPES; Margarida Almeida BASTOS, “Registos de Santos em Azulejo” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

## I – Apresentação



À guarda da Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian permanece um conjunto de estudos sobre a temática “Registos de Santos em Azulejos”, documentação na sua maioria inédita, dado que o Eng.º Santos Simões só em parte a integraria nas suas publicações.<sup>1</sup>

O estudo dos “Registos de Santos em Azulejo” como monografia complementar ao *Corpus da Azulejaria Portuguesa* esteve sempre incluído na intenção programática de Santos Simões, como podemos verificar, pelo menos, desde a data recuada de 1958 quando, num texto pertencente à Biblioteca de Arte, o autor refere que “*para publicação imediata estão em preparação as monografias sobre Painéis Hagiográficos (Registos)*”. Esta surge em primeiro lugar, logo seguida dos “Frontais de Altar” e de outras temáticas, também elas abordadas no âmbito do Projecto Biblioteca DigiTile.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Este texto foi apresentado, em parte, pelos autores no *Colóquio DigiTile e Robbiana: projetos de investigação e disseminação em Azulejaria e Cerâmica*, na Fundação Calouste Gulbenkian, dias 18 e 19 de Abril de 2013. Álvaro Tição é Técnico Superior da Câmara Municipal de Lisboa; Fernando M. Peixoto Lopes e Margarida Almeida Bastos são Técnicos Superiores de História do Museu da Cidade.

<sup>2</sup> Biblioteca de Arte da FCG, *Coleção Santos Simões*, “Corpus da Azulejaria Portuguesa”, 30.XII.1958. EMD00.1.218.



Álvaro TIÇÃO; Fernando M. Peixoto LOPES; Margarida Almeida BASTOS, “Registos de Santos em Azulejo” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

Para além do documento atrás referido, os objectivos de Santos Simões relativamente aos “Registos” voltam a figurar em 1963, mais especificamente no Prefácio da obra *Azulejaria Portuguesa nos Açores e na Madeira*. Este prefácio é da autoria do Dr. Azeredo Perdigão, à data Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, no qual abordava o trabalho desenvolvido entre 20 de Julho de 1955 e 31 de Dezembro de 1959.<sup>3</sup> Nesse documento afirma que o primitivo plano para a publicação do “Corpus” se iria dividir em duas partes: a primeira correspondente ao “Corpus” propriamente dito e, a segunda, seria constituída por um conjunto de monografias, a que atrás aludimos e, entre as quais se encontrava a relativa aos “Registos de Azulejos”, cujos trabalhos para publicação estariam já adiantados.<sup>4</sup>

No ano de 1969, aquando da edição do volume *Azulejaria em Portugal nos Séculos XV e XVI*, a temática é novamente abordada no prefácio da autoria de Santos Simões. O autor refere a intenção de publicar os estudos mencionados, denominando-os de Painéis (Registos) Devocionais em Azulejo os quais fariam parte do que agora chama, de Estudos Temáticos Complementares. Estes integrariam, igualmente, as temáticas relativas à Iconografia Olisiponense em Azulejos; Azulejos Armoriados; Mestres Pintores de Azulejos do século XVIII; Gramática Ornamental da Azulejaria Portuguesa do Século XVIII e Temática Figurativa da Azulejaria Portuguesa. O autor menciona

---

<sup>3</sup> Este relatório baseia-se no “Plano do *Corpus*”, do qual só conhecemos a versão de 1960. Cf. Arquivo da Fundação Calouste Gulbenkian, “Corpus do Azulejo Português organizado pela Brigada de Estudos de Azulejaria, subsidiada pela Fundação Calouste Gulbenkian dirigida por J. M. dos Santos Simões”, 26 de Fevereiro de 1960.

<sup>4</sup> Cf. João Miguel dos SANTOS SIMÕES, Azeredo PERDIGÃO [Prefácio], *Corpus da Azulejaria Portuguesa - Azulejaria Portuguesa nos Açores e na Madeira*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1963, p. X.



Álvaro TIÇÃO; Fernando M. Peixoto LOPES; Margarida Almeida BASTOS, “Registos de Santos em Azulejo” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

ainda, que a publicação destes estudos complementares - as monografias referidas em 1963 - acompanhariam, sempre que possível, a edição dos volumes do “Corpus” a que chama genéricos, intercalando-se de acordo com as temáticas e cronologias.<sup>5</sup>

Uma nova alteração quanto à intenção programática de Santos Simões, no que concerne à azulejaria portuguesa, é passada à letra num outro documento, à guarda da Biblioteca de Arte, onde o investigador apresenta uma “Proposta quanto à reestruturação da Brigada de Estudos de Azulejaria” datado de 31 de Março de 1969. Na listagem de volumes a publicar e, na parte que passou a denominar por Publicações Complementares do Corpus, surge em nono lugar, os “Registos Devocionais em Azulejos”, com a indicação de que seria constituído por um elenco ilustrado a publicar em Novembro de 1969.<sup>6</sup>

Um aspecto interessante que constatámos no estudo da documentação em apreço foi a diversidade da nomenclatura utilizada, pelo que optámos por denominar “Registos de Santos em Azulejos”. Com efeito, em 1958 Santos Simões intitula-os de Painéis Hagiográficos (Registos), em 1960 de “Registos Hagiográficos”, em 1963 de Registos de Azulejos, em 1969 de Painéis (Registos) Devocionais em Azulejo e em 1971, no volume relativo ao Século XVII, novamente de Painéis Hagiográficos integrados na parte referente a Azulejos Figurativos (Painéis).<sup>7</sup> Mais uma vez, estamos perante as preocupações de rigor

<sup>5</sup> Cf. João Miguel dos SANTOS SIMÕES, *Corpus da Azulejaria Portuguesa - Azulejaria Portuguesa nos Séculos XV e XVI*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1969, pp. 12-14.

<sup>6</sup> Arquivo da Fundação Calouste Gulbenkian, *Proposta quanto à reestruturação da Brigada de Estudos de Azulejaria*, 31 de Março de 1969.

<sup>7</sup> Cf. João Miguel dos SANTOS SIMÕES, *Azulejaria em Portugal no século XVII*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1971, 1ª ed., pp.201-209.



Álvaro TIÇÃO; Fernando M. Peixoto LOPES; Margarida Almeida BASTOS, “Registos de Santos em Azulejo” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

científico demonstrado pelo autor, que se reflete na questão da melhor terminologia a eleger para designar os painéis em foco.

Em termos cronológicos, estamos perante documentação produzida entre 1958 e 1969 do século XX.

Relativamente ao tema em análise - Registos de Santos em Azulejos - consideraram-se 16 pastas de documentos que, para melhor entendimento, organizámos em 8 grupos a que atribuímos uma letra, no sentido de estabelecer uma lógica diacrónica e concordante com os respectivos temas:

#### **A - “Azulejos Portugueses – Proposta”**

O primeiro documento a referir é uma proposta de capa sob forma de maquete com grafismo idêntico aos volumes editados pela Fundação Calouste Gulbenkian, a partir de 1963 para o «*Corpus da Azulejaria Portuguesa*». São duas folhas em papel tipo “almoço”, dobradas em 4 fólios e apresenta - se com o seguinte título “Azulejos Portugueses – Volume I - Painéis Hagiográficos (“Registos”)<sup>8</sup>, incluindo nas restantes folhas os títulos “Prefácio” e “Introdução”. Ressalte-se a particularidade de apresentar a data de 1959, o que vem confirmar as intenções, muito precoces no tempo, do autor em publicar este tema.

#### **B - “Elenco dos “Registos” de Azulejo de Lisboa”**

---

<sup>8</sup> Biblioteca de Arte da FCG, *Coleção Santos Simões*, “Azulejos Portugueses – I Painéis Hagiográficos (“Registos)””, [1959], EMD001.370.



Álvaro TIÇÃO; Fernando M. Peixoto LOPES; Margarida Almeida BASTOS, “Registos de Santos em Azulejo” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

O segundo documento a referir é o designado “Elenco dos “Registos” de Azulejo de Lisboa” que corresponde a uma folha A4 com o plano e sumário da obra.<sup>9</sup>

Aqui, podemos verificar que toda a obra se encontrava já estruturada, uma vez que contempla a definição de registo, a sua aplicabilidade, as fontes de inspiração, a tentativa de inventariação feita pelo próprio e por investigadores particulares e, por fim, os problemas de conservação e salvaguarda que estas obras levantam. Contemplava índices e ilustrações.

### **C - “Azulejos Portugueses - Sumário e plano da obra”**

Com cota diferente, apresenta-se outro plano de “Azulejos Portugueses – Painéis Hagiográficos”.<sup>10</sup> Este plano é mais abrangente, contemplando os exemplos existentes a nível nacional e não só os de Lisboa, como é referido em B. Integra os seguintes itens: a) Capas, Títulos, Dedicatória, etc.: b) Portada; c) Prefácio; d) Introdução; e) Elenco; f) Índices; g) Ilustrações.

### **D – “Registos de Azulejos – Introdução”**

---

<sup>9</sup>Biblioteca de Arte da FCG, *Coleção Santos Simões*, “Elenco dos “Registos” de Azulejo de Lisboa: plano e sumário da obra”, [1958]. EMD001.368 e EMD001.368.2

<sup>10</sup>Biblioteca de Arte da FCG, *Coleção Santos Simões*, “Azulejos Portugueses – I Painéis Hagiográficos ‘(Registos)’”, EMD001.369 e EMD001.369.2



Álvaro TIÇÃO; Fernando M. Peixoto LOPES; Margarida Almeida BASTOS, “Registos de Santos em Azulejo” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

Este conjunto documental corresponde ao cerne da obra, uma vez que contém a introdução ao estudo dos “Registos de Azulejos” com anotações manuscritas.<sup>11</sup> Em relação à obra publicada, Santos Simões aprofunda neste trabalho a definição de registo, especificando que o que lhe interessa assinalar “são os de *intenção votiva ou piedosa, com hagiografia de devoção popular para aplicações em exteriores e locais de trabalho*”, tendo inclusivamente a preocupação de distinguir entre registos e ex-votos.<sup>12</sup> Traça também uma baliza cronológica até ao ano de 1835, data de um registo por ele encontrado no Concelho de Loures. Tece considerações em relação aos formatos, à decoração e à paleta cromática. Ressalte-se, no entanto, que diluiu as tipologias, aspecto muito mais sistematizado no volume da “Azulejaria em Portugal no século XVII”, no qual estabeleceu a divisão em três grandes grupos, a saber: emblemáticos; hagiográficos e narrativos.<sup>13</sup>



O texto apresenta-se em 8 folhas (7,A4 e 1 não normalizada, correspondente a folha perfurada de (50) linhas para “dossier”).

<sup>11</sup>Biblioteca de Arte da FCG, *Coleção Santos Simões*, “Registos de Azulejos”, EMD001.371 e EMD001.3090.

<sup>12</sup> Biblioteca de Arte da FCG, *Coleção Santos Simões*, “Registos de Azulejos”, EMD001.371

<sup>13</sup> Cf. João Miguel dos SANTOS SIMÕES, “Azulejos Figurativos (Painéis)” in *A Azulejaria em Portugal no século XVII* – Tomo I, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1971, pp. 201-209.



Álvaro TIÇÃO; Fernando M. Peixoto LOPES; Margarida Almeida BASTOS, “Registos de Santos em Azulejo” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

## E – “Registos de Azulejo de Lisboa – Elenco”

A documentação deste núcleo corresponde a um Elenco de “Registos de Azulejo”, do qual existem várias versões.

A primeira a mencionar corresponde a um Inventário dactilografado e com anotações manuscritas, constituído por 87 folhas perfuradas de (50) linhas para “dossier”, sobre “Registos de Azulejo de Lisboa”.<sup>14</sup>

Existe uma segunda versão, que designámos como intermédia sobre “Registos de Azulejo” a nível nacional, incluindo Lisboa.<sup>15</sup> Trata-se de uma ordenação dactilografada, acompanhada de colagens com anotações manuscritas e apontamentos dactilografados. Estes encontram-se numerados a lápis começando no nº9. É constituída por 111 folhas perfuradas de (50) linhas para “dossier”.

Uma terceira versão, considerada pelo autor como o Elenco definitivo, contempla também o panorama Nacional e Lisboa.<sup>16</sup> É uma sistematização dactilografada e com anotações manuscritas, constituída por 111 folhas perfuradas de (50) linhas para “dossier”. Apresenta anotações manuscritas e colagens, entradas de apontamentos dactilografados, numerados a lápis começando no nº 9 até ao nº 120.

---

<sup>14</sup> Biblioteca de Arte da FCG, *Coleção Santos Simões*, “Registos de Azulejos de Lisboa: Elenco” EMD001.3091

<sup>15</sup> Biblioteca de Arte da FCG, *Coleção Santos Simões*, “Registos de Azulejos”, EMD001.3090a

<sup>16</sup> Biblioteca de Arte da FCG, *Coleção Santos Simões*, “Registos de Azulejos”, EMD001.371a



Álvaro TIÇÃO; Fernando M. Peixoto LOPES; Margarida Almeida BASTOS, “Registos de Santos em Azulejo” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

## F – “Elenco dos Registos de Lisboa – Quadro / Sinopse”

Nestes três documentos, verificam-se anotações diferentes em todos eles, não existindo aparentemente uma versão final.<sup>17</sup>

O conteúdo apresenta-se sob a forma de um quadro sinóptico, contemplando vários itens distribuídos por cinco colunas: Localização (ordenado alfabeticamente); Freguesia; Tipo/Dimensão; Época ou Data e Descrição sumária. Consta de 13 folhas dactilografadas, em papel branco A4, configuração horizontal, com anotações manuscritas. Possui legenda em nota de rodapé, na primeira página, das abreviaturas usadas para a coluna Tipo/ Dimensão.

## G – “Registos: Lista de Registos de Azulejos”

Este núcleo corresponde a uma “Lista de “Registos de Azulejos” oferecida pelo Snr. Dr. Anastácio Gonçalves”, relativo ao concelho de Lisboa.<sup>18</sup> Consta de 30 folhas, dactilografadas (cópia a papel químico) em papel liso A4, configuração vertical, algumas com texto no verso, entradas ordenadas alfabeticamente. A primeira página com título é manuscrita a esferográfica. Contempla: endereço; e breves considerações (ex: localização no edifício; policromia; datação). No final de cada letra da listagem, surge por vezes o item “Diversos” que contempla geralmente outro tipo de painéis azulejares.

## H - Referências bibliográficas: Registos de Azulejos

<sup>17</sup> Biblioteca de Arte da FCG, *Coleção Santos Simões*, “Elenco dos Registos de Lisboa (Cidade)”, EMD001.373; “Elenco dos Registos de Lisboa (Cidade)”, EMD001.3092 e “Elenco dos Registos de Lisboa (Cidade)”, EMD001.3093

<sup>18</sup> Biblioteca de Arte da FCG, *Coleção Santos Simões*, “Lista de “Registos de Azulejos” oferecida pelo Snr. Dr. Anastácio Gonçalves”, EMD001.372



Álvaro TIÇÃO; Fernando M. Peixoto LOPES; Margarida Almeida BASTOS, “Registos de Santos em Azulejo” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

As últimas referências são simples anotações manuscritas de referências bibliográficas, nomeadamente dos artigos de Luís Chaves, “Nos domínios da Etnografia e do Folclore” in “O Ocidente”, Vol. XIX, 1943, pág. 462, em particular a transcrição de parte do texto relativa aos “Registos de Santos e Registos de Santos de Lisboa e Cercanias” publicado também na revista “O Ocidente”, Vol. XXII, 1944, pág. 46, de onde extraiu um resumo relativo a estampas.<sup>19</sup>

Finalmente, encontra-se neste espólio uma ficha bibliográfica intitulada “Em defesa dos registos de Azulejos” após a leitura da obra de Amílcar de Melo publicada na “Olisipo”, Ano XIII, Outubro, 1950, n.º 52, p.176-7.<sup>20</sup>

## II - Fortuna Crítica

Antes de Santos Simões, outros autores abordaram o tema dos registos em azulejo. A nossa primeira atenção incide na obra de José Queiroz, *Cerâmica Portuguesa*,<sup>21</sup> na qual este ceramólogo elaborou uma lista de mais de 20 “registos”, obedecendo aos critérios de datáveis e datados, estes últimos abarcando painéis inscritos entre 1747 e 1819.

Em 1922, na segunda edição de *Azulejos Datados*, Vergílio Correia teceu um pequeno apontamento a propósito de alguns registos da área da Penha de

---

<sup>19</sup> Biblioteca de Arte da FCG, *Coleção Santos Simões*, “Registos de azulejos: bibliografia”, EMD001.375

<sup>20</sup> Biblioteca de Arte da FCG, *Coleção Santos Simões*, “Em defesa dos registos de Azulejos”, EMD001.374

<sup>21</sup> José QUEIROZ, *Cerâmica Portuguesa*, Aveiro, José Ribeiro e Estante Editora, 2ª ed., I vol., 1987, pp.282-295.



Álvaro TIÇÃO; Fernando M. Peixoto LOPES; Margarida Almeida BASTOS, “Registos de Santos em Azulejo” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

França, que abordou de forma descritiva, dando maior ênfase a uma peça evocativa do terramoto.<sup>22</sup>

Na mesma linha de sistematização, surgiu em 1937 o trabalho de Nuno Catharino Cardoso um estudioso da arte e literatura, que dividiu em três grupos a sua informação.<sup>23</sup> No primeiro, sob o título “Alguns Registos de Azulejos datados existentes em Lisboa e arredores, por ordem de datas”, elencou cerca de 22 exemplos, compreendidos cronologicamente entre 1628 e 1801. No segundo, designado “Alguns Registos de Azulejos datados existentes nos arredores de Lisboa, por ordem de datas” inventariou seis exemplares, produzidos entre 1758 e 1799. O último grupo denominado “Alguns Registos de Azulejos antigos não datados existentes em Lisboa e arredores” correspondeu a 60 peças exemplificativas. Este trabalho tem a mais-valia de acrescentar vários dados importantes, como o endereço, a descrição iconográfica e, nalguns casos, a informação relativa à paleta cromática. Ressalte-se ainda a introdução, na qual o autor fez uma súmula de características adicionais relacionadas com a existência ou não de legendas, a presença de policroma nas molduras, o estado de conservação, entre outras.

Na Revista *Ocidente*, de 1943, Luís Chaves consagrou, no subcapítulo “Registos de Azulejos nas casas”, um pequeno estudo à matéria em análise.<sup>24</sup> O autor apresentou, pela primeira vez, uma visão de cariz mais antropológico relativamente às motivações subjacentes à colocação deste tipo de peças na

---

<sup>22</sup> Cf. Vergílio CORREIA, *Azulejos Datados*, Lisboa, Imprensa Libânio da Silva, 2ª ed., 1ª Série, 1922.

<sup>23</sup> Cf. Nuno Catharino CARDOSO, «Registos de Azulejos e Lápides Brasonadas», in *Arte Portuguesa*, Tomo V – XX/XXI, Lisboa, Edição de autor, 1937, pp. 1-15.

<sup>24</sup> Cf. Luís CHAVES, “Nos domínios da Etnografia e do Folclore”, in *Ocidente*, vol. XIX, Lisboa, 1943, pp.459-464.



Álvaro TIÇÃO; Fernando M. Peixoto LOPES; Margarida Almeida BASTOS, “Registos de Santos em Azulejo” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

cidade de Lisboa. Neste âmbito, focou também aspectos relacionados com a função destes painéis, bem como as figuras sacras representadas com maior frequência. Em paralelo, organizou os registos tipologicamente, do ponto de vista das temáticas e da representação hierárquica das imagens, quer em termos de escala, quer em termos de individualização no espaço selecionado.



Poucos anos depois, em 1957, no livro *O Azulejo em Portugal*, Reynaldo dos Santos dedicou algumas linhas aos “registos” considerando-os como uma “*excelente base para o estudo da evolução dos estilos*”. Fez referência ao trabalho de José Queiroz e deu uma especial atenção à coleção do Comandante Ernesto de Vilhena que considerou “notável e do maior interesse”. Ensaiou uma primeira abordagem crítica à datação das peças com base na obra de

Queiroz, que para este efeito confrontou com aquela coleção.<sup>25</sup>

Entre a década de 40 e 70 do século XX, dois contributos de extrema relevância para o estudo e sistematização dos registos de temática devocional merecem ser trazidos à colação. Referimo-nos em concreto às fichas de Amílcar de Melo e à listagem de Anastácio Gonçalves, consideradas pelo próprio Santos Simões “duas achegas da maior importância que [lhe] foram gentilmente dadas”.<sup>26</sup>

<sup>25</sup> Cf. Reynaldo dos SANTOS, *O Azulejo em Portugal*, Lisboa, Editorial Sul Limitada, 1957, pp.150-151.

<sup>26</sup> Biblioteca de Arte da FCG, *Coleção Santos Simões*, “Lista de “Registos de Azulejos” oferecida pelo Snr. Dr. Anastácio Gonçalves” EMD001.372



Álvaro TIÇÃO; Fernando M. Peixoto LOPES; Margarida Almeida BASTOS, “Registos de Santos em Azulejo” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

O primeiro, engenheiro civil e geógrafo, fotografou na cidade de Lisboa, durante cerca de três décadas, este tipo de painéis hagiográficos, sistematizando a informação recolhida no que designou por “Ficheiro dos Registos de Azulejos”. Tal facto testemunha uma preocupação pioneira na inventariação e análise dos dados obtidos. Da parte analítica constam os seguintes critérios: localidade; local; data da recolha da imagem, tipo (com distinção entre antigo e moderno); cores, notas, descrição, estado de conservação e bibliografia relacionada.<sup>27</sup>

Em 1950, Amílcar de Melo foi também autor de um pequeno artigo a que deu o título «Em defesa dos Registos de Azulejos», denotando a consciência da necessidade da salvaguarda deste tipo de arte.<sup>28</sup>

Em relação a Anastácio Gonçalves, cujo trabalho ocupa um período de tempo menos alargado, entre 1940 e 1960, é importante salientar que existem três listas similares distribuídas entre os espólios da Casa Museu Dr. Anastácio Gonçalves, do Museu Nacional do Azulejo, a Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian e que correspondem a um elenco de azulejos de Lisboa, no qual o endereço das peças surge ordenado alfabeticamente. De uma forma não sistematizada, o autor teceu certas considerações de ordem estética ou informativa (ex: datação e policroma) relativamente a determinados exemplares.

---

<sup>27</sup> Cf. Arquivo do Grupo dos Amigos de Lisboa, Amílcar César Gomes de MELO, *Ficheiro dos Registos de Azulejos*, 1940-1970.

<sup>28</sup> Cf. Amílcar César Gomes de MELO, «Em defesa dos Registos de Azulejos», in *Olisipo*, Lisboa, Amigos de Lisboa, Ano XIII, nº52, 1950, pp.176-177.



Álvaro TIÇÃO; Fernando M. Peixoto LOPES; Margarida Almeida BASTOS, “Registos de Santos em Azulejo” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

Importa ainda realçar o facto de esta lista ser bastante importante em termos quantitativos, tendo o conhecido oftalmologista elencado cerca de 340 registos.<sup>29</sup>

De 1959 é o material sobre “Registos de Azulejo” produzido pelo Eng. Santos Simões na qualidade de Diretor da Brigada de Estudos de Azulejaria. Como vimos, o autor tinha a intenção de publicar uma monografia sobre o tema, dando especial enfoque à sua tipologia que analisa em elenco comentado. A documentação permaneceu inédita e conservada na Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian.<sup>30</sup>

De salientar, além da coleção fotográfica “Azulejaria Portuguesa”, da Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, também outra importante



fonte de recolha, o acervo do Arquivo Municipal de Lisboa – núcleo Fotográfico, onde, até ao presente, contabilizámos mais de 500 fotografias relativas a 280 registos em azulejo aplicados na capital portuguesa. Obtidas num período cronológico compreendido, “grosso modo”, entre 1898 e o início da década de

<sup>29</sup> Os autores agradecem as facilidades concedidas para a obtenção das listas de azulejos à Casa Museu Dr. Anastácio Gonçalves (Dr. José Alberto Ribeiro e Dr.<sup>a</sup> Ana Anjos Mântua) e ao Museu Nacional do Azulejo (Dr.<sup>a</sup> Maria Antónia Pinto de Matos). Biblioteca de Arte da FCG, *Coleção Santos Simões*, “Lista de “Registos de Azulejos” oferecida pelo Snr. Dr. Anastácio Gonçalves”, EMD001.372

<sup>30</sup> Biblioteca de Arte da FCG, *Coleção Santos Simões*, “Registos de Azulejos: elenco”, EMD001.371; “Registos de Azulejos de Lisboa”, EMD001.3091, “Registos de Azulejos: elenco” EMD001.3090a, “Registos de Azulejos: elenco”, EMD001.371a



Álvaro TIÇÃO; Fernando M. Peixoto LOPES; Margarida Almeida BASTOS, “Registos de Santos em Azulejo” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

70 do século XX, conta com fotografias de autores de nomeada nesta área, como é o caso de Eduardo Portugal, cujo espólio fotográfico é, aliás, referido por Santos Simões.

Em 1971, Santos Simões publicou *Azulejaria em Portugal no século XVII*, no qual dedicou todo o terceiro capítulo do tomo I ao tema “Azulejos Figurativos (Painéis)”. Neste trabalho, estabeleceu a definição de registos, considerando como tal “o «Painel» independente, tendo como motivo principal uma figuração humana ou emblemática, concebido propositadamente como um «quadro» perfeitamente limitado com a sua moldura”. Em paralelo, determinou a respectiva cronologia: fim do primeiro quartel do século XVII, considerando “a época áurea do «painel» iconográfico a que se situa entre 1645 e 1670”. Por último, constituiu uma tipologia, na qual considerou a seguinte divisão: registos emblemáticos; hagiográficos e narrativos.<sup>31</sup> Como acima referimos, em comparação com o texto inédito da Biblioteca de Arte, verifica-se aqui uma maior atenção dada às questões tipológicas em detrimento da definição e contexto antropológico dos registos.

Por sua vez, no capítulo VI da obra *Azulejaria em Portugal no século XVIII*<sup>32</sup> editada postumamente, em 1979, foi incluído um Elenco de Registos de Azulejos datados, provenientes de todo o país, ordenados cronologicamente entre 1698 e 1867, correspondente a um total de 133 peças.<sup>33</sup> Esta lista integra os “Elencos” anteriormente referidos neste texto.

<sup>31</sup> Cf. João Miguel dos SANTOS SIMÕES, *A Azulejaria em Portugal no século XVII*, Tomo I, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1971, pp.201-209.

<sup>32</sup> Cf. João Miguel dos SANTOS SIMÕES, *A Azulejaria em Portugal no século XVIII*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1979, pp.77-81.

<sup>33</sup> Biblioteca de Arte da FCG, *Coleção Santos Simões*, “Registos de Azulejos: elenco”, EMD001.371a



Álvaro TIÇÃO; Fernando M. Peixoto LOPES; Margarida Almeida BASTOS, “Registos de Santos em Azulejo” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

Depois de Santos Simões, outros autores continuaram os estudos sobre registos. Em 1989, José Meco na obra *O Azulejo em Portugal* dedicou algumas considerações ao tema no subcapítulo “Elementos Soltos”, no qual referiu estarmos perante “composições soltas menos dependentes do suporte arquitectónico a que se colam”.<sup>34</sup> Aqui os Registos são separados das temáticas das Alminhas e das Cruzes.

Por essa altura, a Câmara Municipal de Lisboa encomendou a Barros Veloso e Isabel Almasqué a realização do *Levantamento de Azulejaria semi-industrial e industrial, de fachada*, tendo em conta o desaparecimento e degradação a que aquele património vinha sendo sujeito. Este inventário inclui, entre vários outros, dois campos informativos, designados respectivamente, “outros elementos” e “notas”, nos quais são referenciados, ainda que de modo sumário, distintos géneros azulejares, como os registos<sup>35</sup>.

Em 1991 os mesmos autores publicam *Azulejaria de Exterior em Portugal* onde incluem um capítulo dedicado a “Registos, Cruzes e Alminhas”<sup>36</sup>.

<sup>34</sup> Cf. José MECO, *O Azulejo em Portugal*, Lisboa, Publicações Alfa, 1989, pp.173-176.

<sup>35</sup> Cf. Acervo documental do Museu da Cidade, Câmara Municipal de Lisboa, Barros VELOSO e Isabel ALMASQUÉ, *Levantamento de Azulejaria semi-industrial e industrial, de fachada*, 1988-1989.

<sup>36</sup> A. J. Barros VELOSO e Isabel ALMÁSQUÉ, *Azulejaria de Exterior em Portugal*, Lisboa, INAPA, 1991, pp. 31-39.



Álvaro TIÇÃO; Fernando M. Peixoto LOPES; Margarida Almeida BASTOS, “Registos de Santos em Azulejo” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

Posteriormente, em 1995, José Meco, no catálogo da exposição *O Santo do Menino Jesus – Santo António – Arte e História*, é responsável pela entrada de catálogo «Iconografia Antoniana no azulejo português». No início deste texto, o autor fez uma referência especial ao *Corpus da Azulejaria Portuguesa*, elaborado por Santos Simões, considerando que os elencos aí incluídos



integram a grande maioria dos exemplares antonianos. Naquela entrada, Meco fez ainda referência aos “registos de fachada”, destacando a sua importância enquanto referencial para a marcação de balizas cronológicas e estilísticas da azulejaria<sup>37</sup>.

Em 2000, na revista *Arqueologia e História*, um grupo de investigadores, constituído por João Chaby, Tiago Marques e Paulo Pinto, publicou um artigo a que deu o título “Registos de Santos em Azulejos: Inventário e Abordagem, Religiosidade e Urbanismo”. Numa ordenação dos dados relativos a 147 painéis identificados e inventariados, elaboram uma listagem de santos, discriminando o número de vezes que as respectivas imagens são representadas. No ponto seguinte do trabalho, a estatística serviu de suporte à análise da iconografia de S. Marçal.<sup>38</sup>

<sup>37</sup> Cf. José MECO, «Iconografia Antoniana no azulejo português», in *O Santo do Menino Jesus - Santo António, Arte e História*, catálogo de exposição [José Luís PORFÍRIO, et al, coord.], Lisboa, IPM e ICEP, pp.47-58.

<sup>38</sup> João Pedro CHABY; Tiago Pires MARQUES; Paulo Mendes PINTO, «Registos de Santos em Azulejos: inventário e abordagem: Religiosidade e Urbanismo», in *Arqueologia e História*, 52, Lisboa: Colibri, 2000, pp.147-154.



Álvaro TIÇÃO; Fernando M. Peixoto LOPES; Margarida Almeida BASTOS, “Registos de Santos em Azulejo” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

Em 2004, Ana Paula Correia e Carolina Nunes da Silva, no trabalho «Azulejaria de interior na Baixa Pombalina: um contributo para o seu estudo», publicado na revista *Monumentos*, deram destaque a alguns dos poucos exemplos aplicados no interior de edifícios daquela área da cidade que sobreviveram até aos nossos dias, e que constituem elementos essenciais para o estudo dos programas narrativos.<sup>39</sup>

No mesmo ano, dois dos autores do presente texto, publicaram no boletim *Olisipo* o artigo «Registos de Santos em Azulejo do Município de Lisboa: algumas considerações». Na abordagem sobre a temática, foi dado enfoque aos registos contemporâneos e respectivas funcionalidades.<sup>40</sup>

Em 2007, sob o patrocínio da Câmara Municipal de Lisboa – Departamento de Serviços Gerais, realizou-se, pela primeira vez, uma pequena mostra só sobre registos de azulejo, neste caso, especificamente dedicados a Santo António.<sup>41</sup> Para o efeito, vários investigadores deram o seu contributo científico, nomeadamente, Alexandre Pais, Joana Campelo e nós próprios. Nesta atividade cultural, procurou analisar-se a religiosidade popular, em contexto urbano, expressa nestes exemplares, bem como promover a sensibilização do público para as questões da salvaguarda deste tipo de peças.<sup>42</sup>

<sup>39</sup> Cf. Ana Paula CORREIA e Carolina Nunes da SILVA, «Azulejaria de interior na Baixa Pombalina: um contributo para o seu estudo», in *Monumentos*, 21. Lisboa, Direção Geral dos Edifícios e Monumentos de Lisboa, 2004, pp. 184-195.

<sup>40</sup> Cf. Fernando M. Peixoto LOPES e Margarida Almeida BASTOS, «Registos de Santos em Azulejo do Município de Lisboa: algumas considerações», in *Olisipo*, Lisboa, Amigos de Lisboa, II Série, 20/21, 2004, pp.95-105.

<sup>41</sup> Exposição que esteve patente no Edifício Central do Município (Campo Grande, 25), entre 12 de Junho e 30 Setembro desse ano.

<sup>42</sup> Cf. Alexandre PAIS; Joana CAMPELO, «A religiosidade e a cidade», e Fernando M. Peixoto LOPES; Margarida Almeida BASTOS, «A Salvaguarda do Património Azulejar de Lisboa: O exemplo dos Registos de Santos», in *Santo António: Exposição de Registos*, catálogo de



Álvaro TIÇÃO; Fernando M. Peixoto LOPES; Margarida Almeida BASTOS, “Registos de Santos em Azulejo” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

Três anos mais tarde, em 2010, surgiu a primeira tese académica de mestrado relativa a este tema, realizada por Joana Campelo. Na investigação é abordada a influência das fontes gravadas nos painéis de azulejos hagiográficos entre, cerca de 1700 e 1830. O estudo, que integrou também um inventário e classificação tipológica face às soluções decorativas das molduras, contribuiu para um melhor entendimento dos processos criativos da pintura de registos em azulejos.<sup>43</sup>

Em 2012, o Museu Nacional do Azulejo realizou a exposição *Um gosto Português – o uso do azulejo no século XVII*, tendo alguns capítulos do respectivo catálogo seguido a mesma estrutura tipológica delineada por Santos Simões nos “painéis agiográficos”, “narrativos” e “emblemáticos”, incluídos no capítulo Azulejos Figurativos. Em relação aos primeiros, João Pedro Monteiro analisou-os sob a influência da gravura europeia, salientando exemplos da coleção daquele museu.<sup>44</sup>

---

exposição [Paula LEVY, Rui LOURIDO, Teresa VILAVERDE, coord.], Lisboa, CML, 2007, pp.19-22 e 25-31.

<sup>43</sup> Cf. Maria Joana CAMPELO, *Registos de Santos em Azulejo (c. 1700 a 1830): Fontes gravadas e distribuição em Lisboa*, 2 vols., Tese de Mestrado em Artes Decorativas, Universidade Católica Portuguesa (Porto) Escola das Artes, Lisboa, 2010. (Texto policopiado).

<sup>44</sup> Cf. João Pedro MONTEIRO, «Registos Hagiográficos e Painéis Narrativos», in *Um gosto Português – o uso do azulejo no século XVII*, catálogo de exposição [Maria Antónia Pintos de MATOS, coord.], Lisboa, Babel e MNAz, 2012, pp.264-271.



Álvaro TIÇÃO; Fernando M. Peixoto LOPES; Margarida Almeida BASTOS, “Registos de Santos em Azulejo” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

No que diz respeito ao último grupo, dedicou Alexandre Pais uma entrada de catálogo designada “símbolos e emblemas”, na qual tratou o tema da Transubstanciação, a heráldica eclesiástica e a representação de vasos floridos com respectiva leitura iconológica.<sup>45</sup>

Na atualidade decorrem vários projetos de investigação no âmbito da Câmara Municipal de Lisboa<sup>46</sup>. No que concerne ao Museu da Cidade, há já alguns anos que a presente equipa desenvolve trabalho de recolha sistemática e tratamento de dados históricos, artísticos e antropológicos, de que resultou a criação de uma base de dados, instrumento que consideramos útil para o estudo e salvaguarda deste tipo de património azulejar. Esta base conta já com 1550 entradas respeitantes a peças, que cronologicamente vão desde o século XVII à atualidade.



Mais recentemente, o PISAL – Programa de Investigação e Salvaguarda do Azulejo em Lisboa em espaço público, integrado no Departamento Municipal

<sup>45</sup> Cf. Alexandre Nobre PAIS, «Símbolos e Emblemas», in *Um gosto Português – o uso do azulejo no século XVII*, catálogo de exposição [Maria Antónia Pintos de MATOS, coord.], Lisboa, Babel e MNAz, 2012, pp.272-281.

<sup>46</sup> Contudo, desde o início da década de 70 funcionou um serviço de azulejaria do Museu da Cidade, criado pela então Conservadora Chefe, Dr.<sup>a</sup> Irisalva Moita, o qual teve um papel relevante no âmbito da recolha e salvaguarda, desde aquele período até finais da 1ª década do século XXI. Desta forma entraram para as coleções do museu, entre outras peças azulejares, registos muito significativos do ponto de vista histórico-artístico.



Álvaro TIÇÃO; Fernando M. Peixoto LOPES; Margarida Almeida BASTOS, “Registos de Santos em Azulejo” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

de Cultura, tem vindo a desenvolver um rastreio sistemático das fachadas da cidade, no qual se inclui também a temática hagiográfica.<sup>47</sup>

Em Maio de 2013, o Museu da Cidade realizou uma exposição intitulada: “Devoções populares – Registos em azulejo”, na qual foram salientadas questões antropológicas, desde o século XVII até à atualidade. Desta mostra resultará uma obra monográfica onde o enfoque será dado na área iconológica.

### III – A Salvaguarda

No que diz respeito às questões de salvaguarda, importa salientar em termos de defesa e preservação dos azulejos as iniciativas promovidas pelo já referido Programa de Investigação e Salvaguarda do Azulejo em Lisboa em espaço público (PISAL) e pelo Projeto SOS azulejo do Museu da Polícia Judiciária, entre outras entidades.

Neste âmbito, considera-se oportuno sublinhar algumas medidas que poderão ser implementadas ou melhoradas, de modo a evitar o desaparecimento deste tipo de património, tais como:

- Classificação abrangente e rigorosa dos elementos hagiográficos;
- Finalização do inventário municipal para a avaliação dos registos de santos;
- Informatização e disponibilização desse mesmo inventário aos diversos serviços da CML para que, de forma articulada, possam atuar o processo de fiscalização;

---

<sup>47</sup> Sob a coordenação da Dr.<sup>a</sup> Maria Teresa Bispo do Departamento de Cultura da Câmara Municipal de Lisboa.



Álvaro TIÇÃO; Fernando M. Peixoto LOPES; Margarida Almeida BASTOS, “Registos de Santos em Azulejo” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

- Identificação de vulnerabilidades, padrões e tendências a fim de preconizar as medidas preventivas necessárias;
- Criação de parcerias com outros organismos públicos e privados vocacionados para esta problemática;
- Sensibilização dos proprietários e promotores de obras particulares no âmbito da salvaguarda patrimonial;
- Esclarecimento das populações através de ações de formação e a criação de roteiros elucidativos do valor deste género de painéis cerâmicos;

Neste capítulo da salvaguarda reveste-se de grande importância a informação fornecida pelo Instituto Superior da Polícia Judiciária e de Ciências Criminais uma vez que permite identificar as situações mais recorrentes relativamente ao *modus operandi* do infractor, entre as quais se destacam as de “incúria e ignorância”, bem como as de “vandalismo e furto”.

Nas primeiras, os exemplares encontram-se habitualmente aplicados em edifícios antigos, degradados ou em risco de ruína, podendo estar também colocados em construções em vias de demolição ou, pelo contrário, em imóveis em processo de recuperação.

Nas situações de vandalismo e furto detêm um papel importante os pequenos delinquentes que, apesar de não terem noção do valor real das peças, sabem, no entanto, que delas poderão obter algum lucro. Esta prática encontra-se muitas vezes associada a atos de destruição, voluntários ou não, decorrentes neste último caso, entre outros aspectos, do desconhecimento das técnicas de remoção dos painéis. No conjunto insere-se ainda um outro tipo de roubo executado por profissionais especializados.



Álvaro TIÇÃO; Fernando M. Peixoto LOPES; Margarida Almeida BASTOS, “Registos de Santos em Azulejo” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

Neste contexto, impõem-se destacar alguns casos exemplificativos das realidades enunciadas.

Atente-se assim num painel existente no Alto do Varejão, cuja deterioração traduz a falta de cuidado na conservação deste tipo de bens, postura que se estende também ao respectivo imóvel. Esta situação de ruína que se verifica frequentemente em antigas quintas denota a falta de percepção da importância patrimonial do conjunto, reminiscência de uma Lisboa rural cuja memória urge preservar.



Um outro exemplo de incúria foi detectado no interior de um prédio pombalino sito na Rua dos Douradores. A peça, à qual faltam vários azulejos, constitui um dos poucos exemplares ainda existentes expressamente encomendados para o preenchimento de um espaço específico. Deste modo, integra-se num programa previamente definido, comum na



Álvaro TIÇÃO; Fernando M. Peixoto LOPES; Margarida Almeida BASTOS, “Registos de Santos em Azulejo” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

reconstrução pós terramoto, diferenciando-se claramente do painel autónomo, que poderia ser colocado indiferentemente em qualquer local.



Nas situações de furto refira-se o desaparecimento de um exemplar colocado no tímpano do arco de acesso à escada de um prédio da Rua da Prata. Segundo informação da única moradora do imóvel, que se encontra maioritariamente ocupado por escritórios, o registo foi retirado durante a noite. A ocorrência torna-se bastante grave, uma vez que se perdeu o rasto de um trabalho de superior qualidade artística que constituía, em simultâneo, um dos raros casos ainda hoje existentes no átrio de imóveis da Baixa pombalina.

De destacar também um exemplo paradigmático do destemor do infractor relativamente a este tipo de furto. Neste caso, o painel foi retirado escrupulosamente do Largo de São Rafael durante o dia, ficando visível a marca do negativo do tardo. Quando inquiridos pela população local sobre o que ali



Álvaro TIÇÃO; Fernando M. Peixoto LOPES; Margarida Almeida BASTOS, “Registos de Santos em Azulejo” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

---

faziam, os infractores responderam falsamente que pertenciam à Câmara Municipal de Lisboa.

De referir também que, nos casos em que não é possível manter os exemplares no seu local de origem devido a demolições, ou a uma evidente degradação dos imóveis onde se encontram aplicados e ainda ao estado de conservação das peças, constitui uma forma de os salvaguardar a sua transferência para museus ou outras instituições.

Neste contexto, atente-se a um magnífico conjunto de três registos, primitivamente colocado num prédio antigo da Rua das Amoreiras, que foi transferido para o Museu da Cidade aquando da destruição do imóvel.

Por se encontrar em perigo, um outro painel aplicado num frontão do muro de uma quinta na Travessa do Calado - posteriormente levantado e apostado sobre o portal da mesma propriedade - foi substituído por uma cópia, tendo o original sido incorporado na década de 80 do século XX também no espólio daquele museu. Por último, o exemplo de um registo do Largo das Olarias, transferido primeiro para uma coleção particular, a Coleção do Comandante Ernesto Vilhena e, posteriormente, adquirido pela Fundação Berardo. O primitivo local de colocação da peça foi esclarecido através da pesquisa ao núcleo fotográfico do arquivo Municipal de Lisboa, o que testemunha a já referida importância deste tipo de acervos.

Sublinhe-se, a título de curiosidade que, num universo de aproximadamente 500 registos identificados em Lisboa, cronologicamente compreendidos entre o século XVII e o século XIX, que constam da base de dados do Museu da Cidade, ainda se mantém *in situ* cerca de 1/4 das peças. Sabe-se também do paradeiro de 1/3 dos painéis que correspondem aos



Álvaro TIÇÃO; Fernando M. Peixoto LOPES; Margarida Almeida BASTOS, “Registos de Santos em Azulejo” in *Biblioteca DigiTile: Azulejaria e Cerâmica on line*, Susana Varela FLOR (coord.), Artis – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto de I&D [PTDC/EAT-EAT/117315/2010], Lisboa, 2015.

---

exemplares transferidos do seu local de origem. Por último, constata-se tristemente que a parte restante deste conjunto de exemplares devocionais já desapareceu, desconhecendo-se o seu paradeiro.

## Conclusão

Face à fortuna crítica aqui apresentada e, em jeito de breve conclusão, consideramos que antes de Santos Simões houve todo um percurso de inventário, estudo e, de alguma forma de salvaguarda, face a um património descrito sempre como estando em perigo.

O nosso Historiador confessa-se herdeiro deste legado, em fortuna crítica, ampliando de uma forma científica os inventários, as fichas e informações pessoais que lhe foram cedidas.

Em paralelo, criou a sua própria metodologia na definição do tema, na sistematização tipológica e no confronto *in situ* com a obra de arte, criando um inventário nacional disponível nesta biblioteca digital da Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian.